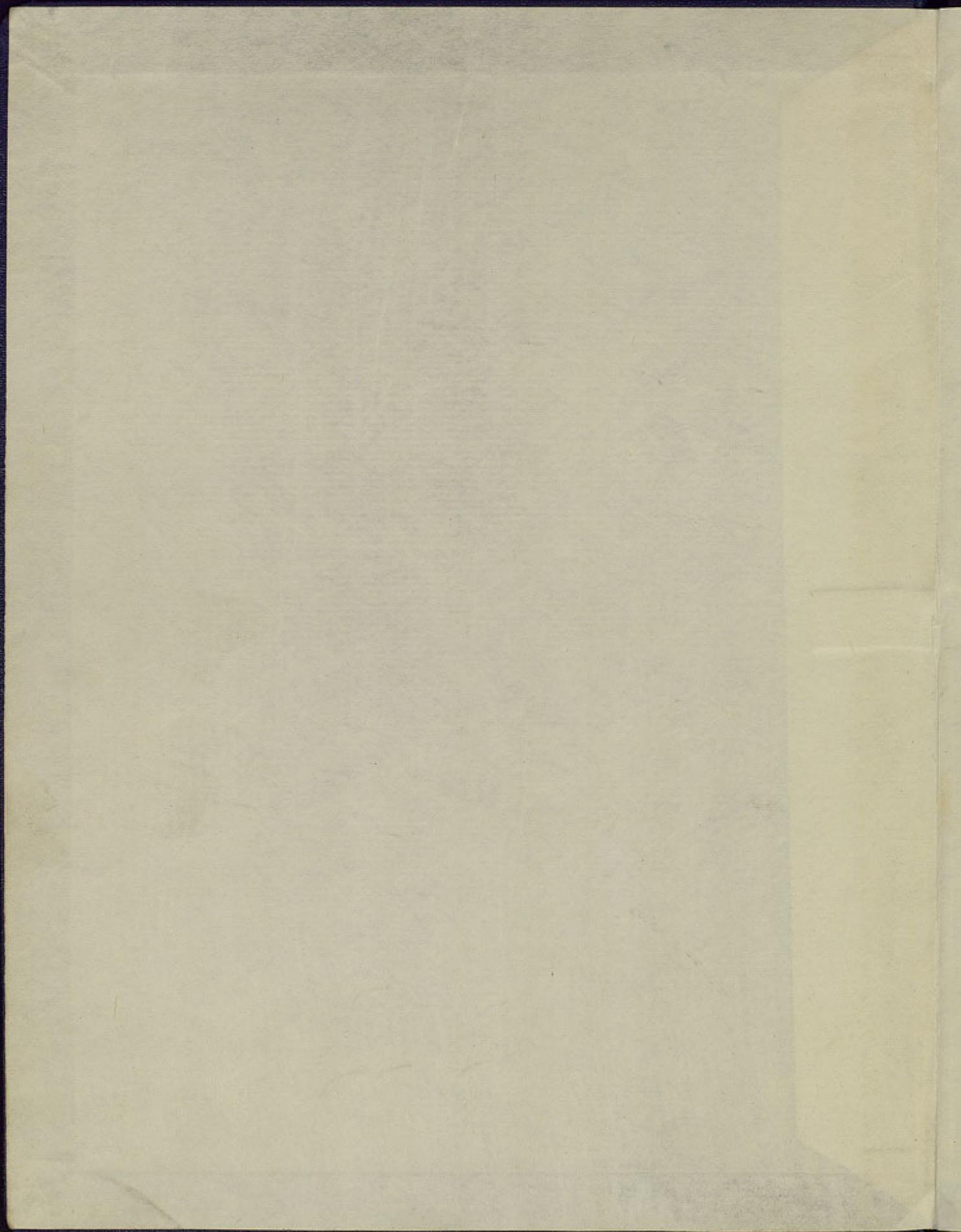


SINAL



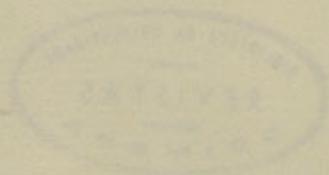
R P

8

11



103



sinal

sup. vocab.
s. f. papale

Percealuna



RP
8
11

SUPER - OMNIA

O meu reino, largo e vago,
Tem um rouxinol e um lago
E constelações no céu;
Tem um barco, um passaporte,
Quatro celtas, um judeu
E cem decretos da sorte...

Quando nasci, pequenino,
(Que gritaria)
Deram-me esta ninharia
E outras colónias incertas...
Era o destino
Que me engulia
Naquelas bocas abertas!

«*Ecce! Ave!* Príncipe Real!
Por ordem deste senado,
Adolpho quinto, o forçado,
Nosso herdeiro universal, »
Foi o grito!
Portanto, digo e repito:
Saibam quantos... que limito
A vida de cada qual!...

Para bem da minha terra,
Fui à guerra
E dei conselhos e cruzes;
E hoje assino decretos
Muito sóbrios e selectos
Sóbre canhões e obuses! ..

Ergui o meu Panteon,
Uso um cronista de tom,
Diplomatas e divisas;
Tenho trinta concubinas,
Castelos, armas e quinas
Nos meus calções e camisas!...

Assim vivo, assim governo
Este princípio de inferno
Onde até já fui feliz!
Agora toque a sentido:
Vai passar um rei vestido
Com togas doutro Juíz...

DESATÊRRO

Não te posso mentir: O teu desenho é feio;

E a minha assinatura

Só ia sem receio

Para a bonita altura

Da curva do teu seio. . .

Mas tens o corpo são, moreno e forte

Com promessas no rosto e na bacia;

E a sorte

Quando te fez assim morena e forte

Lá pensou no que fazia! . . .

Eu, que sonhei contigo certa noite

Em que tudo aconteceu,

Digo, sinceramente:

O teu corpo é rijo e quente

E amoldou-se ao meu. . .

Porém,

Deus não me fez Poeta e D. João

Para ser pai:

O meu amor é raro e nunca vai

Confirmar as palavras de ninguém. . .

Amo a estéril mulher loira e criança

Que joga a minha vida e a minha herança. . .

. . . E tu só podes ser Mãe! . . .

F U N E R A L

Havia sorte e ventura
Na sepultura
Deserta...
Um coveiro gentil abriu a porta
E morta
De fome, a tumba lá jazia aberta...

A minha amada então passou chorando
Sem cabana e sem leito...
E ali ficou cantando
O seu amor desfeito...

Mas um cipreste alargou
A raiz mais sensitiva
E guardou
Na sua vida
O cio morto da Virgem...

E o verde quási sem alma,
Naquela calma,
Lembra a suprema vertigem...

Fui deitar-me na minha sepultura,
Com tôda a vida que tenho!...
E nada ressuscitou!...
Nem se apagou
A sorte e a ventura
E tudo o que nos tentou!...

O meu amor apodreceu risonho,
Para animar o velho fogo-fátuo...
E eu sonho,
Feito corvo negro e triste,
Num cometa a grande altura...

E assim faça quem resiste
A' loucura...

A S O R T E D A L O T E R I A

Era uma vez certa velha estrábica e serena, que todas as noites cantava à porta do cemitério. A triste canção das almas era a sua especialidade. Começava a cantar em falsete e muito agudamente; depois, ia a pouco e pouco enrouquecendo, enrouquecendo até quasi não se ouvir a sua voz cabalística. A seguir, calava-se, olhava em roda, tirava um rosário branco dum bolso do saiote e passava-o treze vezes. Por último, cantava de novo, tal e qual como pela primeira vez. Persignava-se no fim de tudo e, lentamente, ia deitar-se. Fez isto durante trinta anos seguidos até que morreu de velha. Chamava-se Joana Vaz e era viuva dum pobre assassino, o Lapadas de Arcã.

Deixou tanto esquecimento e medo à sua volta, que só os carreiros antigos, ao passarem no Val-da-Igreja, a horas mortas, se lembravam da sua cantiga austera e aflitiva.

Quando o Lapadas de Arcã chegou da prisão, tôda a gente esperava um grande escândalo. A Joana Vaz era como as outras e perdera-se... Muito naturalmente, portanto, o povo dizia: Quem mata um, mata dois...

De resto, êste raciocínio lá tinha as suas razões: Foi sempre assim, e o Lapadas não podia fugir à regra. Mas a vida não é tão real como se pinta. O homem vinha mudado e aceitou o corpo da mulher a meias. O outro, também, era pródigo e rico... Assim pensava o Joaquim Lapadas, mas ninguém concordou.

O Joaquim e a Joana foram desprezados.

E tudo corria sem novidade, quando Deus se lembrou da pobre mulher e quasi ao mesmo tempo lhe levou o marido e o amante.

Ela chorou, sinceramente, por ambos. Desde êsse dia a Joana Vaz começou a cantar no cemitério.

A morte do Félix Caçador foi quasi natural :

Andava a cavar e o Lapadas deu-lhe um tiro fulminante pelas costas. A causa dessa aggressão foi um mal-entendido. O Lapadas, que se tinha casado há pouco tempo, ainda tentou fugir, mas foi prêso e condenado. Enquanto esteve na prisão a mulher andou à solta . . . E foi durante êsse tempo que ela perdeu o respeito ao marido.

O Lapadas e a Joana amaram-se e casaram.

No dia da boda houve trovoada.

Mau sinal.

Viviam como Deus com os seus anjos, mas o Félix Caçador desejou a mulher do próximo (Joaquim Lapadas). Pouco tempo depois, deu-se o crime cego e bruto que levou o Lapadas às grades de El-Rei.

A Joana Vaz, apesar do artribismo, era bonita. Foi por isso que o Lapadas gostou dela. E vice-versa, menos o atrabismo.

E assim sucessivamente se veria que tudo nesta lenda aparece natural e sério como venho contando . . .

Mas o adágio grita a sorte de tôda a gente, nesta solene expressão :

Donde não se espera é daí que sai . . . E tudo nesta lenda aparece torto e velhaco e assim continuaria . . .

Porquê?

Porque Deus escreve direito por linhas tortas . . . , como adiante se verá.

O José Ceguinho, coveiro, desenterrou, certa noite enluarda, o corpo inteiro e perfeito da Joana Vaz! Todo o povilêu da terra ficou parvo e deslumbrado. E, sem casos nem acasos, a Joana Vaz é santa! Assim tem acontecido a muito bom cidadão. Só lhe faltava mais essa, é o que apetece dizer . . . Mas, felizmente, o Padre também diz que sim . . . que sim . . .

E' Santa! . . .

E que mal faz isso à Pátria e à melancolia?

Portanto, falta dizer :

Ninguém diga, nesta vida :
Desta água não beberei . . .

TRANSFIGURAÇÃO

D. Maria da Cunha, aquela santa, morreu... Bem sei que é o fim de todos, mas sempre custa muito morrer!...

— O mulher, quem te ouvir falar assim há-de pensar que já experimentaste...

— E cuidas que não?... Vejam lá!... Quando pari não estive com um pé na morte e outro na vida?!...

O José Felipe, quando ouvia a mulher referir-se a êsse longinquo mas nunca esquecido parto, ficava pálido, imediatamente.

— E falar a gente em alegria neste mundo!...

Mas pobre de quem vai indo... Quem desaparece, esquece.. Seja tudo em favor dos nossos pecados que não são poucos...

— Ó mulher, deixa seguir quem passa... Morreu, morreu, e acaba lá com isso

— Roi-te a consciência?! Bem sei, grande maroto, bem sei que te roi a consciência... Mas... coração ao largo homem dum raio! Eu sou neta dum visconde e filha dum general...

Ah! minha bôca aberta e condenada!... Pobre de mim se morro ou fico muda... Agora sempre digo metade das palavras necessárias... Mas foge, foge homem do inferno!.. A minha hora, a minha hora... A minha loucura!... Foge, foge meu amor... Eu mato!... Eu morro!... Fugam!... Ai!...

E a Maria Bombarda atirou-se ao chão e rolou furiosa, espumando e dando gritos de raiva e de angústia.

O pobre José Felipe saiu de casa a chorar silenciosamente. Aquilo era velho e digno de compaixão. A Maria Bombarda tinha temporadas de loucura completa, seguidas duma normalidade impressionante. O José Felipe já sabia: a sua mulher a falar no parto, a referir-se ao pai, ao avô: era o ataque pela certa. E o caso acontecia quando menos se esperava. Numa conversa banal, uma palavra a mais, um gesto a menos, uma vaga referência, qualquer ninharia, em suma, era o motivo. Depois, era deixá-la... Rolava no chão, rolava... Por fim, levantava-se e saía. Enveredava por qualquer caminho, embrenhava-se nos pinheirais da serra, e ninguém contava do seu passar senão mentiras e ficções... Passados alguns dias, voltava normal e branca como se tivesse andado por terras árticas e antárticas.

O inocente homem sofria, resignado, aquela enorme desgraça. A's vezes, julgava-se culpado e batia horripelmente no peito. Chegou a pedir ao cura que lhe fôsse benzer a

casa, mas foi pior... Muito pior, até... A Maria Bombarda, nessa ocasião, nem parecia de carne e osso... Foi muito pior, muito pior... O José Felipe ficou aniquilado.

Como atrás ficou dito, o José Felipe saiu de casa a chorar silenciosamente. As pessoas do povoado, acostumadas àquela tragédia, passavam por êle e não lhe diziam nada. E êle foi andando, foi andando até que os seus bem dados passos o levaram a uma capelinha que ficava num serro escavado e negro chamado o monte da perdição...

Através duma grade olhou a tristeza daquela vivenda humilde e, mal deu com Jesus pregado, lá sentiu cousa estranha, porque se pôs a chorar e a pedir em tão altos gritos perdão e misericórdia que tudo à sua volta ficou mudo e brando.

Acabou a sua prece e logo sentiu grande alívio e fé para continuar a sua andança. Caminhou... Caminhou... Ao anoitecer e na curva dum cerrado, alguém falou-lhe do céu: «A vida do homem sôbre a terra é um combate contínuo», «não se farta a vista de vêr, nem o ouvido de ouvir...»

José Felipe meditou naquelas santas palavras e disse:

Só mais um dia, Senhor!...

E pôs-se a caminhar sem descanso. A noite chegou e com ela certo luar de impressão... De repente, encontrou-se num planalto enorme e triste onde só havia uma copada azinheira por vegetação. Vagamente chegaram uivos e pios que pareciam sair do terreno mirrado e pedregoso.

José Felipe subiu para a azinheira e sentou-se num ramo denso e forte. A seguir, adormeceu, serenamente. Altas horas da noite acordou arrepiado e nervoso. Começou então a olhar fixamente para a terra e teve uma vaga sugestão de qualquer acontecimento estranho. E, na verdade, não se enganou. Ao longe, um vulto negro encaminhava-se para o seu pouso. Veio chegando, chegando, e, pouco e pouco, José Felipe, deslumbrado e atormentado, reconheceu a doida. Olhava, desesperado, cada passo da mulher. Ela parou; olhou para todos os lados e, depois de verificar que não havia ninguém à roda, fez três vénias para a lua e começou a despir-se, rapidamente. Tirou a saia, a blusa, o corpete, o saiote, a saia branca e ficou em camisa. Debaixo duma pedra lousa, ali disfaradamente abandonada, tirou uma sovela. Levantou a camisa, deu uma picada funda numa nádega e desapareceu.

O homem, tonto do que via, despregou-se da árvore e veio esborrachar-se no chão.

Quatro anjos vieram buscar-lhe a alma.

O diabo levou a mulher.

Mais tarde a sciência pôs tudo em pratos limpos:

No estrangeiro havia melhor e mais curioso...

Só a gente da minha aldeia não acredita!...

E lá está a Maria Engrácia a contar, quando tem ocasião: «Era uma vez uma boa mulher chamada Maria Bombarda, casada e boa cristã. Ao dar à luz uma rosada criança, o demónio entrou-lhe no corpo e fez a desgraça dela e do marido. O anjinho morreu de fome que a tentada chupava-lhe o sangue...»

7 E desfia por aí adiante a história que acabo de contar, com as mesmas gralhas e os mesmos defeitos.

MEDITAÇÃO POÉTICA

SÔBRE UMA CARTA QUE CHEGOU AO SEU DESTINO ...

O homem nasce e morre para imitar os cometas. Logo, posso tirar dêste fenómeno as minhas conclusões. Um cometa aparece e causa-me espanto e respeito; depois, passa e deixa rasto.

Quando nasce um homem dá-se, pois, um grande acontecimento digno de espanto e respeito. O homem acaba por deixar rasto. Escuso, até, de falar em perihélio e grandeza:

De noite todos os gatos são pardos. Isto é: no infinito ninguém sabe quem é centro ou roda mais.

E se não sei isso, que para mim é decisivo, posso muito correctamente coroar-me rei.

Eu tenho confiança em mim, porque já nasci actor e sei bem o meu papel ...

Eis porque sou narciso e megalomano!

E podia ficar por aqui, dizendo: E agora quem tiver olhos que veja ...

Mas não:

Vou apresentar-me à côrte, arrebicado e solene.

... Fiz a guerra aos infieis... Construí pontes e fortes... Condeco-rei... Jungi a cerviz da Tracia...

Mando... Revoga-se a legislação em contrário.

(Palmas)

Em casa, cada um pensa igualmente, mas na rua é também necessário o gesto...

E' por isso que eu tenho um grande gymnásio para fazer exercícos... E valho mesmo fingindo porque descubro essa habilidade a mais. Já mesmo em pequenino, eu falava assombrado dum faz-tudo milagreiro ou dum sábio imperador...

Mais tarde proclamei a república em toda a parte e conservei o meu reino.

O imperialismo é um grande remédio social, quando bem compreendido... Mas o mundo é pobre e triste. E hoje, olhando o meu povo, hei-de gritar:

Companheiros! Procurai o vosso orgulho e sabeis que três cousas um homem deve fazer na vida: Plantar uma arvore, escrever um livro e fazer um filho.

E não vos detenha a crítica e o amor dos kaleidoscópios:

«Cada um para o seu norte».

O vosso filho é manco? Bemvindo seja, porque é vosso e tem a marca da vossa carne...

A vossa arvore é torta? E' estacá-la: talvez possa frutificar um dia; e, além disso, foi regada com suor do vosso rosto . . .

O vosso livro é mau? E', simplesmente, anotá-lo: ainda pode servir para o lume de algum ceguinho que não seja literato e queira aquecer o corpo a queimar versos . . . Não vos deixeis vencer, e proclamai o nome do vosso primeiro ministro que usurpar o scetro do vosso império: E' mais um!

Abaixo a fraternidade que nos préga humilhação.

Nunca ensineis o crêdo aos pobresinhos, mas, em paga, falai alto dos arca-boiços sem ar e do pão vendido a metro . . .

Hei-de gritar assim no palco do meu palácio.

Talvez haja quem duvide de palavras tão solenes!

Esses serão meus escravos. O homem tem essa condenação: «muitos são os convidados e poucos os escolhidos».

O meu grande desgosto é ter escravos. Chamo-lhe desgraça orgânica. Na escravatura há pretos e amarelos, patagões e hotentotes. Disseram sempre que não, até lhe chamarem sépticos e sábios! E agora dizem que não e são meus escravos! Vivem a negar a obra que não realizo porque nasci condenado . . . Mas êles pensam que não! Eu é que sou mentiroso e quero apoiar-me a alguém!

E fogem cegos e fulos! E a Obra há-de vir de todos: de Gregos e de Troianos: do mais um e menos um!

Sim, hei-de ouvir fino sarcasmo e talvez morra na cruz. O Nazareno éra Deus e chamaram-lhe impostor.

Não se resiste a fugir mas a tomar posições. . . E também não quero a paz só de bandeirinha branca.

A guerra tem um cenário mais curioso e perfeito que a pantomina dum beijo. Mas entenda-se esta guerra . . .

Tudo está nas meias palavras. No entanto, é bom saber-se que não falo em meios têrmos. E' para morrer que se vive; e a beleza da vida consiste em refinar o nosso conhecimento dessa tragédia. Portanto, cada um traga o seu oiro e diga: Oiro! Foi assim que se descobriu a terra!

E Oiro corra igualmente para quilos e quintais.

Ninguém seja alfandegário num porto sem paralelo . . .

Viva a pirataria que mostra curiosidade por tudo quanto no mar se revela e se revolta.

A própria limitação seja o monstro dos caminhos.

Avante, e morra a vanguarda a cantar hinos e salmos. Somos todos generais! Cada qual faça a inscrição de que se julgue capaz . . . Só assim haverá história verdadeira e inofensiva. Evite-se a pose-mestra dos homens do bric-a-brac. Criticar, é quasi catalogar. Infelizmente, há certas inundações que nem o mar as espera. Por exemplo: o diluvio universal. Deixá-lo; nunca virá tempo que o mundo veja, com lancetas ou sem elas, para enxertar ou compor o que ficou já criado ou quasi a nascer.

Eu bem sei que noutras eras havia cousas e lousas e moiros e moiras; de maneira que é preciso contar isso . . . E' justo: préguem sermões . . .

Mas a encomenda das almas, camaradas, que seja apenas, e chega, para os corpos que morreram.

V E L H O TESTAMENTO

Anoitece . . .

Um muro daqui ao horizonte.

Em frente do muro: um Homem.

No alto do muro: uma palavra que o Homem lá escreveu. Porque êste Homem era enorme — antes de escrever a palavra.

Escreveu-a para defenir bem o que queria, e foi então que se fez minimo e se apagou uma estrêla no céu.

Ei-lo a lêr a palavra e a enterrar-se no chão . . .

Já anoiteceu. Já se não vê a palavra: o Homem esqueceu-a e vai ser livre . . .

Mas lá vem o muro a cair! . . .

R. I. P. AMEN.

Foi assim . . .

Quando êle ressuscitar, chamem-me.

I N D Í C I O S DA ESTÁTUA

Entrei e fechei a porta contra o vento que dava a volta ao mundo . . .

O músico arrancava as cordas do violino, julgando-as raízes da alma . . .

Depois da tempestade, a chuva, lágrima a lágrima, correu por dentro da terra até às fontes . . . e lá para o verão, entre as flores, tudo terá esquecido com a alegria . . .

E o violinista adormeceu, vendo, ao anoitecer, o barqueiro a cantar, sentado à prôa do barco à vela, descendo o rio . . .

A lua morta nascia como o Sol . . .

Esmagada de silêncio e de luar, a noite era um palácio de pedra onde o encanto ia acabar . . . la-se ouvir um grito!: e tudo em ruínas! . . . Longe, um sino deu horas . . . e tudo ficou; nada mudou . . . — NADA . . .

W A G O N - L I T

Vamos viajar.

Como os hóspedes a quem se mostra a casa, vejam-se os encantos das paisagens, a mobília, arrumação e costumes das nações.

A casa não tem janelas.

E afinal deve-se ter uma opinião. Mesmo que seja errada. Qualquer aparência, menos a de ficar sempre à espera, sempre na dúvida. Neste clima não se pode estar à espera da última moda, para mandar fazer o fato. Principalmente quem quere ter só um para tôda a vida. E' claro. Andava-se nu. Quere dizer: todos ficavam a olhar, tudo parava embasbacado e lá se ia o progresso da cidade. Era um atrazo. Talvez que depois fôsse um grande avanço. Ora o que é preciso é não demorar, porque o caminho é longo, anoitece e a lua está cada vez mais simbólica.

Vamos viajar, meu amigo.

D E S V I R T U A R

Ai! lua ainda do meu tempo sem eu ter culpa!

Hei-de levar-te à festa, pendurada na ponta duma bengala. Olá! Isso é que podes ter a certeza, minha lua de palmo e meio . . . Tens cara de gente mas isso não basta.

Artigo 1.º — «Só o Homem é susceptível de direitos e obrigações». Esta é a lei.

Pois haverá fôgo de Bengala, da tal Bengala do Oriente . . . e um pagode chinês!

Quero só esta astronomia.

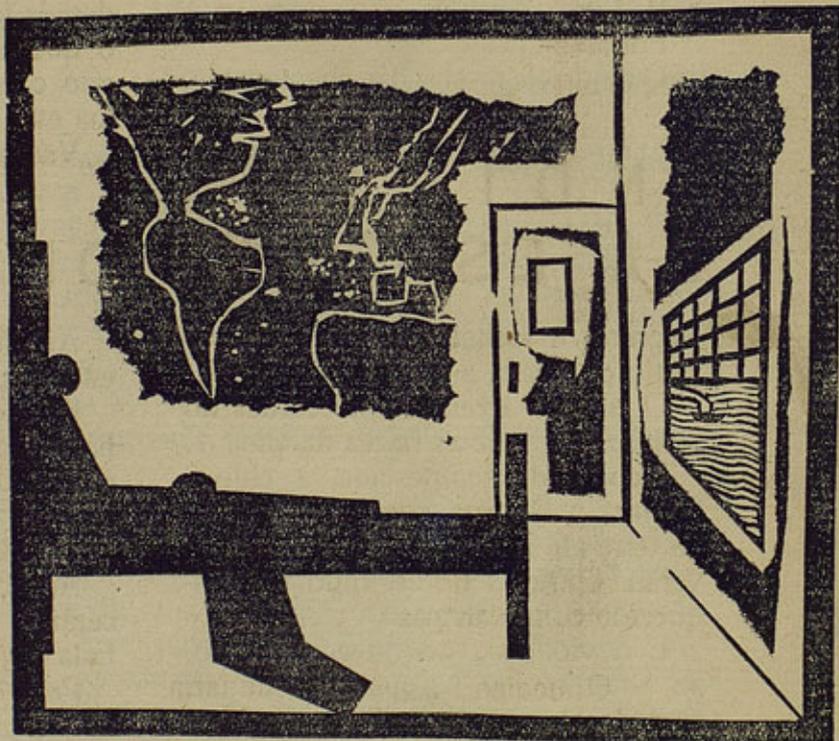
A N T O N I O
M A D E I R A

Curva do céu

poema
em um
a c t o

figuras :

O FILHO
A MÃE
{ OS TRÊS REIS MAGOS
O PAI
| TRÊS VELHAS



Um quarto de paredes brancas : Uma porta ; uma janela onde se vê o mar . Ao meio do quarto uma cama com o Filho doente . A Mãe está ajoelhada ao pé do leito , com a cabeça deitada sôbre os joelhos do Filho .

E' ao entardecer . O sol obliquo . . . No silêncio , ouve-se apenas o rumor longinqüo do mar . . .

O FILHO
(numa voz débil)

Mãe

Estás cansada?

(Silêncio longo)

Mãe . . .

(A Mãe ergue a cabeça, devagar, e olha-o. Êle erguendo um pouco a voz e estendendo a mão para a cabeça d'Éla:)

Estás a chorar!! . . . ? . . .

(A Mãe, sem responder, deixa cair a cabeça sôbre a cama).

Mãe! . . .

(Tentando erguer-se mais para deante).

Ó Mãe, . . . porque estás a chorar? . . .

A MÃE

Não . . . (levantando a cabeça) . . . não estou a chorar . . .

FILHO

Estavas . . .

MAE

Não. Não vês? . . . Porque havia de chorar, se estás melhor? . . .
Mas não deves falar . . .

O médico . . . disse que fazia muito mal . . .

FILHO

Mas foi quando eu estava pior . . . Agora já não . . . Já estou muito melhor . . . O médico até nem cá tem vindo, já . . .

Sabes, Mãe . . . ? . . .

Daqui a pouco estou bom e vou passear . . . Contigo . . . Queres? . . .

Vou passear ao quintal e depois, quando tiver mais força, vamos ao Jardim Público . . . num dia de

música . . . onde anda gente conhecida . . . e os rapazitos a brincarem . . .
Sentamo-nos num banco, lá ao fundo, à sombra, a vêr tudo . . . Sim? . . .

MÃE

Sim . . .

FILHO

Já estou aqui há tanto, tanto tempo . . . Doe-me o corpo . . . Outras
vezes não sinto nada . . . Mas agora já tenho fôrça e posso levantar-me, ir
para a janela . . .

Levou tanto tempo esta doença . . .

nunca mais ficava bom . . . Mas depois tinha outra vez esperança . . .

Mãe,

ontem senti-me muito melhor e hoje ainda mais . . .

Tenho tanta vontade de

me levantar . . .

Àmanhã já posso ir para a janela . . . E daqui a pouco,
posso ir passear . . .

posso ir passear no meu barco . . .

Ó Mãe, o barco esteve sempre bem guardado? . . . está bom? . . .

MÃE

Sim, meu filho, está . . . Está bom . . . descança.

FILHO

Onde está?

MÃE

Está ao pé dos do Manuel Redeiro. Está bem . . .

FILHO

Mas não andam nêle, pois não?

MÃE

Não. Ninguém . . .

FILHO

Precisa pintado . . . Há uns poucos de anos assim . . . abre . . .

Olha, mãe, diz ao Manuel que o arranje, que o pinte . . . de encarnado . . .

Mas que deixe ficar a gaivota, à frente, como está . . . Se êle lhe mexe estraga-a . . .

Eles pintam os pássaros quási todos iguais . . . E a gaivota é muito diferente . . .

Uma

13 gaivota é bonita . . . a voar . . .

Não te esqueças, Mãe . . .

MÃE

Não esqueço ...

FILHO

(*Depois duma pausa*)

O' Mãe, eu sou capaz de ir muito longe ... mesmo num barquito como aquele ...

Se estiver bom tempo ... Com tempestade não ... Quere dizer ... não podia desembarcar ... mas lá no mar alto ... não havia perigo ... se a vaga não quebrasse ... Sabes ... é como um baloiço ...

Mas com bom tempo, ha! ia a todo mundo! ... Toda a vida, assim de terra em terra ... andar muito tempo no mar ... só a ver ceu e mar ... e depois chegar a uma terra nova ... com gente diferente ... alegre ... Nas ilhas lá para o sul, quentes, com grandes florestas e rios ... Comem frutas e deitam-se à sombra porque de dia há muito calor ... E outros andam nos ribeiros com flores ...

Lá não há doenças, Mãe, nem nada mau ... São as cidades que fazem as doenças e lá nessas terras não há cidades ... As casas estão espalhadas por baixo das arvores, ao pé dos rios ...

MÃE

Sim, meu filho, é bonito ... Iremos lá ... sim ... Mas agora não fales tanto ... Estás fraco ... cansa-te ...

FILHO

Não, Mãe ... já não estou tão fraco como pensas ...

MÃE

Mas falar cansa muito ... cansa-te muito.

FILHO

(*desesperadamente*)

O' Mãe! deixa-me falar!

(*A Mãe deixa cair a cabeça nas mãos para esconder as lágrimas. Ele, olhando para a janela que deita sobre o mar, falando com dificuldade, mas com entusiasmo:*)

Sou tão feliz quando penso no que hei-de fazer! ... Parece que hei-de viver sempre ... O' Mãe, quando dantes se não conhecia o mundo todo é que era! ... Ah! eu queria ter nascido nesse tempo! Havia de ser muito forte e era tudo mais fácil ...

Agora é doutra maneira ... Mas há sempre coisas novas ... O' Mãe, a gente nunca se cansa de viver ... Nunca ...! Pois não?! ...

(A Mãe continua com a cabeça nas mãos. Ele tocando-lhe:)

Mãe ...

MÃE

(erguendo a cabeça)

Anh? ...

FILHO

Pois não?

MÃE

Não ...

FILHO

E eu também queria ser aviador ... dos que descem no mar ... Eu gosto mais do mar ... Gosto de tudo ... Olha, Mãe, diz ao tio que já não vou com êle para o Brazil ... Não ... E a Margarida vae ... Já não a quero ... Quero ser livre ... Os homens casados ficam presos à família, à mulher e aos filhos ... Quero ser só. Tu, Mãe, gostas, não é? ... Queres que eu seja livre ... Depois venho visitar-te, muitas vezes ...

Mãe. Não estás a ouvir ...

MÃE

(chora e sorri)

Estou ...

FILHO

Não acreditas que hei-de correr o mundo todo? ... ser um grande homem? ... Que hei-de escrever as minhas viagens ... como aquele livro que emprestou o sr. Dr.? ... lembra-te? ...

MÃE

Sim, filho, lembro-me ...

FILHO

Mas estás a chorar ...

MÃE

É de pensar que hei-de estar muito tempo sem te vêr ...

FILHO

Já te disse que venho visitar-te muitas vezes ... e escrevo-te ... Não te hão-de faltar notícias ...

Se eu pudesse estar ao pé de ti e estar também longe ... é que era bom ...
Queria ser mil pessoas para estar em
muitas partes ao mesmo tempo ...

Estar, assim, só num sitio, e o mundo tão grande... (*fica suspenso*).

MÃE

Filho, só Deus é que pode estar em tôda a parte...

FILHO

Mãe, pois eu queria ser como Deus...

MÃE

Meu filho!

FILHO

Mãe... Eu não acredito em Deus... Se acreditasse...

MÃE

Meu filho, não digas isso.

FILHO

... Se acreditasse num Deus assim, que não dá o melhor que pode... era pior... Não o amava... Tinha-lhe medo e ódio...

MÃE

Meu filho, meu filho! cala-te!...

(*Vai beijá-lo e cai outra vez de joelhos*)

Socega... socega... Deus é bom...

FILHO

Pois sim... Mãe... Deus é bom porque tu também és boa e minha amiga... Não é?...

(*Falando com esforço e em voz apagada*)

Mas olha... Eu não penso em Deus... Agora penso na minha vida... Sabes, até já me parece pequeno... o mundo... O mundo corre-se todo em pouco tempo... Devia ser maior... muito maior... ou então devia ser mais difícil a vida...

Devia-se poder ir à lua... não achas?... Para que é a lua?...

Só para ser bonita não pode ser... Pode ser, mas não parece natural... Parece-me que tudo tem uma razão de ser... uma vida com fôrça... sempre... E que a beleza é só assim, de se gostar...

Mas não, não... Muitas coisas são só para a gente ser feliz... Até uma vez me deram um realejo... e eu gostava tanto... Mas depois

o Pedro estragou-mo . . . por inveja . . . Tocava tão bem . . . (*deita a cabeça para o lado*) Tôda a gente . . . gostava . . .
(*Lá fóra ouve-se um côro distante*) Mãe . . . Ouves? . . . É no mar . . .

MÃE

São os pescadores a puchar as redes . . .

FILHO

(*esforçando um sorriso de amargura e irónia*)

Não . . . Mãe . . . É D. Sebastião . . .

MÃE

(*a chorar*)

São as mulheres dos pescadores, a rezarem . . . meu filho . . .

FILHO

Então vou dormir
.....

(*Deita a cabeça para o lado e fecha os olhos.
Ouve-se um côro suave, que sobe da praia.
Vem-se aproximando . . .
Depois bate alguém à porta. Mas nem a mãe nem o
filho ouviram.*)

*O quarto enche-se duma névoa branca, que esfuma tudo
num sonho . . .*

*Por fim, a porta abre-se e entram os três Reis Magos.
Cada qual traz um pequeno cofre nas mãos. Ajoelham ao
lado da cama. A Mãe continua caída sôbre a cama, como se
tivesse adormecido . . . O Filho ergue a cabeça lentamente e
volta-se para os Reis.)*

1.º REI

No Oriente vi a tua estrêla . . . (*entregando-lhe o cofre*) e venho
trazer-te a mirra dos meus tesoiros:— para que a tua vida seja longa . . .

2.º REI

(*entregando-lhe o cofre*)

Eu ofereço-te o oiro em pó:— para que triunfes no mundo . . .

3.º REI

(*fazendo o mesmo*)

Eu ofereço-te o incenso:— para que triunfes no ceu . . .

(O Filho tem uma expressão de felicidade e alegria. Os Reis curvam-se em reverência e quási desaparecem atraz da cama.

O 2.º Rei transforma-se num homem de meia idade com uma expressão bondosa e feliz. É o Pai. Ergue a cabeça e olha para o Filho que se abraça ao pescôço dêle, sem surpresa).

FILHO
(*cançado*)

Ah! . . . Pai . . . Esperei tanto! . . .

Já posso ir . . . vou contigo . . .

Tu já sabes . . . E já conheces a gente de lá . . . Não te percas de mim . . . que eu não sei o caminho . . .

(Deixa cair os braços. O Pai segura-o)

O cão fica, por causa do barco . . . que há de vir para o jardim . . .
E não quero a bandeira,
porque um navio . . . precisa de ter uma bandeira grande . . . e as de papél rasgam-se . . .

(sonambulamente:)

Tenho de partir amanhã porque o meu navio anda devagar . . . por causa da âncora que tem de ir enterrada na areia . . . para ter fôrça . . .

Ó Pai . . . não gosto de reis . . . porque hei-de ser mais . . . Nem das tias . . . das velhas . . . que dão conselhos e vem cá todos os dias . . . saber . . .

(Depois duma pausa, com a voz quási sumida:)

Tenho de me vestir e calçar . . .

Não sei onde é . . . Leva muito tempo . . . e o sol . . . Pai! . . .

(Lentamente vai caindo para traz inanimado . . .)

O Pai curva-se sôbre a cama. Passa-se um momento . . .

O fumo, que enchia o quarto, desaparece.

E os três Reis Magos, agora, são três velhas que rezam.

O Pai desapareceu também. As velhas acabam a oração e erguem-se ao mesmo tempo. Uma delas pucha o lençol da cama e estende-o por cima do morto.

Uma das velhas vai lá fóra buscar duas velas ecezas, que põe ao lado da cama. Depois vão todas de volta do leito, aproximam-se da Mãe, que continua imóvel como se nada se tivesse passado . . . Erguem-na e levam-na para fóra.

Entra no quarto um vento fraco, que apaga as velas . . . Anoiteceu . . .)

B A I R R O V E L H O

Cidade cosmopolita
onde os comboios vêm ter...
ôcas torres de Babel,
de luz, de ferro e papel!...
pesais sombra à vida afita,
morta de esperança: de dór,
que entôa ainda o clamor
como um silêncio a crescer!;

Velhas ruas sem destino,
quebradas, desarrumadas,
fogem pra todos os lados,
voltam aos sítios passados...
E eu que as olho e as imagino,
pensando mais do que digo,
comparo-as tanto comigo!
pobres veias esgotadas! ..

Quero as janelas abertas
e ferreas portas fechadas,
por causa do pensamento
das ruas do movimento...
Pois já nem sei horas certas
que os meus relógios sem marcas
tenho-os no fundo das arcas
tão vazias e pesadas...

Eram todos infalíveis
e por isso acontecia
nenhum ter horas iguais,
sempre uns menos, outros mais...
mas tinham horas visíveis,
escritas pra toda a gente,
que se viam claramente
quer de noite, quer de dia...

E por isso tanto faz:
fechar-me em casa ou sair...
ter pressa cá na cidade,
ou nos montes ter saüdade...
aparentar guerra ou paz...
andar só, acompanhado...
ir ou vir, estar parado...
estar o chorar ou a rir...

Ó relógios sem defeito!
horas do fundo das arcas!
com alguma ha-de acertar
aquela que em mim passar,
me soar dentro do peito!...
— Mas se derem todas mal
que te importas, afinal,
Infante das Dinamarcas!?...

lêr e fazer circular

agência oficial

CHEVROLET

em exposição
os novos
modêlos

1930

no

STAND MOURGO, LMT.
tele. 796 - avenida navarro 45 coimbra - teleg. "standego"

estação
de serviço
gasolina,
óleos, acessórios
recolha e lava-
gem de automóveis

pneus KELLY

SINAL
publicação
literária

COIMBRA FILMES

(exclusivo das mais importantes casas do estrangeiro)

todos os aparelhos

cinematográficos

ao preço da fábrica e a prestações

■ filmes de arte e filmes culturais ■

■ organiza o cinema no lar ■

■ o cinema para todos a preços para todos ■

FOTOGRAFIA RASTEIRO

avenida navarro 47 COIMBRA telefone 565

Premiada com Medalhas de Ouro nas Exposições Universal de Milão, Exposição Ibérica da Corunha (Espanha), Congresso Beirão de Coimbra e Castelo Branco

Julio da Cunha Pinto & F.º

largo das ameias e avenida navarro

mercearia fina, vinhos finos e outras bebidas nacionais e estrangeiras, aguas minerais. — pólvora do estado e mais artigos para caça. loterias, tabacaria, papelaria, perfumarias, postais ilustrados. esta casa é a que vende mais prémios. preços convidativos. —

— telefone n.º 551 —
— telegrafia: "cunha pinto," — coimbra —

HAVANESA CENTRAL

6 — rua visconde da luz — 6

COIMBRA
BARROS TAVEIRA

telefone — 440

PAPELARIA **TABACARIA**

■ perfumarias ■ artigos para escritório ■ bilhetes postais com vistas de COIMBRA ■ máquinas fotográficas e mais artigos para fotografia. ■

FISK

**o pneu
sem
rival**

**o pneu
sem
rival**

depósito

rua da sofia ■ 78 1.º ■ coimbra

B I B L I O T E C A

É sempre tarde ou ainda cedo,
pois o momento é sempre morto...
E a minha força não tem medo,
mas adormeço e não me importo...

O templo existe mais vazio,
cheio de sombra e colunatas...
Olhei o, entrei... gelei de frio...
passei... fugi... só li as datas...

Inoportuno e casual,
êste romance começou
logo no fim, logo no meio...
E achando-o mau e sempre igual,
vai-me vivendo como sou,
e eu, fôlha a fôlha só o leio...

M A P A - M U N D I

Dias, Noites, Aventuras
que passam à minha porta
encobertas nas figuras
em que o destino as recorta!...

Da bola rebola a bola
numa feira deslumbrada,
onde a multidão se enrola,
desenrola atrás de Nada...

Da janela dêste andar
que deita pràs Avenidas,
esfumo-as, vejo-as passar
disfarçadas e perdidas...

E no grande tombadilho
da chaminé que balança...
o mar embala seu filho
num balançar que descansa...

Mas como o mundo é redondo
sob cem olhos do céu,
não me exhibo nem me escondo...
— e todos são como eu.

S I N A L

PUBLICAÇÃO
LITERÁRIA

directores e editores

ADOLPHO ROCHA

E

BRANQUINHO DA FONSECA

redacção

LADEIRA DO SEMINÁRIO, 6

C O I M B R A

J U L H O ■ 1 9 3 0

I M P R E N S A A C A D É M I C A

preço avulso 3\$00 ■■■ assinatura de três n.^{os} 7\$50

